

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA		— ANNO I — 28 DE AGOSTO DE 1881 — N.º 28 —	ASSIGNATURA	
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR		GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º	BRAZIL	
Anno ou 52 numeros.....	28000 réis		Anno ou 52 numeros.....	78000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	14000 >		Semestre ou 26 numeros.....	45000 >
Trimestre ou 13 >.....	7000 >		Trimestre ou 13 >.....	28000 >
Avulso.....	60 >		Avulso.....	200 >

SUMMARIO

GRAVURAS:—Luiz de Male depois da derrota dos habitantes de Bruges; A volta de um moderno filho prodigo; Na floresta; O Nifo.
 TEXTO:—Actualidades, por Pinheiro Chagas; As solteironas, por André Theuret; O domingo historico, por A. O.; Horas de ocio; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Améro; Correspondencia.

ACTUALIDADES

É impossivel deixar de fallar no rei das Sandwich.

Sou uma das pouquissimas pessoas que o não viram, porque Lisboa, inteira accumulou-se no passeio publico para poder ver a sua real pessoa, e n'essa

noite o sr. Gaspar e Justino Soares desempenharam, devemos confessal-o, um papel muito secundario. E afinal de contas é um rei como outro qualquer.



LUIZ DE MALE DEPOIS DA DERROTA DOS HABITANTES DE BRUGES

mais preto do que os reis que são brancos, e mais branco do que os reis que são pretos. Veste a sua casaca, põe o seu chapéu alto, janta com *menu* francez, é enfim um sensaborão como qualquer soberano ou presidente europeu. Ai! Deus piedoso, como está monotona a humanidade! Se Deus nosso senhor nos não fizesse a mercê de conservar ainda alguns accidentesinhos na natureza, viajar seria o cumulo da insipidez! Procurar costumes estranhos no Japão, e encontrar por lá a dictar as leis o *Journal des Tailleurs!* Encontrar na descendente da rainha Pomaré uma serva fiel do *Journal des Demoiselles!* É assustador, palavra de honra!

Ha trinta e oito annos não succediam as mesmas coisas.

Começava então a raiar a aurora da civilização no horizonte das ilhas Sandwich. A missionaria da civilização era a rainha Nomahanna, que contava quarenta annos e pesava quarenta toneladas. Se viesse a Portugal daria uma enclente no Passeio Publico, da mesma forma que a deu o seu descendente; com mais differença porém e differença essencialissima. Este encheu o Passeio Publico levando lá milhares de pessoas, a rainha Nomahanna encheu-o, levando-se a si e ao sr. Sampaio.

Foi em 1842 que o russo Kotzebue visitou as ilhas Sandwich. O ideal civilizador da rainha Nomahanna imitava-se então a saberem ler e escrever, ella e a côrte. Ninguém podia ser ministro sem saber ler e escrever, medida que vai sendo urgente que se adopte em Portugal, devendo porém entre nós estender-se aos deputados.

Anciosos de agradar á sua regia ama, os cortezãos da rainha Nomahanna apressavam-se a aprender instrucção primaria, e os conselheiros do tribunal de contas, os velhos desembargadores surprehendidos por esta lei nova estudavam o *b a ba* com um fervor que recommendamos entre nós aos representantes do povo. Kotzebue afirma comtudo que apanhou dois cortezãos em flagrante delicto de trapaça. Mostrando um grande zelo pela instrucção, estavam sentados nos degraus da escada em sitio em que a rainha os visse, lendo fervorosamente, mas logo por infelicidade tinham os livros ás vessas.

A rainha era, como dissemos, uma pessoa enorme. Recebia as visitas estendida de bruços n'um leito immenso, coberto de esteiras finissimas. Era tambem de bruços que lia, ou antes que soletrava. Era ainda de bruços no meio do chão que ella comia. Em torno da rainha Nomahanna desdobrava-se o chão um grande semi-circulo de pratos de porcelana. A rainha atirava-se ora a um, ora a outro, com uma fome colossal. Quando acabou de ingurgitar uma dose de alimento que bastaria para alimentar seis russos, o que dá uma equivalencia gastronomica de setenta e dois portuguezes, a rainha Nomahanna deitou-se de costas, e chamou um latagão que assistira respectivamente ao jantar. Foi então que Kotzebue assistio á scena mais extraordinaria que pode imaginarse. O cortezão encarregado d'esse serviço importante pregou na rainha uma sova monumental. Pisou-a, socou-a, amassou-a como se amassa um pão, calcou-a, desancou-a. A rainha gemia de quando em quando, mas esta singular operação apressou, ao que parece, o trabalho digestivo, porque, acabada a sova, a rainha virou-se outra vez de bruços, e começou a jantar outra vez.

Filho, sobrinho, ou neto d'esta celebre rainha, S. M. o rei Kalakana que o publico lisbonense vio no Passeio Publico é uma resultante do abecedario, que alguem imprudentemente introduziu na ilha. Imprudentemente repetimos, porque d'aqui a pouco em to-

da a extensão do mundo não haverá um só canto em que possa procurar-se a novidade, que ainda mais ambicionada se encontra, desde que deixou de ser vulgar.

Mas em todo o caso permitta-nos S. M. o rei das Sandwich que lhe dirijámos uma pequena observação. Ou se é rei polynesio, ou se não é. As gloriosas tradições da sua patria devem conservar-se e respeitar-se. É ou não é certo que o celebre Cook foi devorado nas ilhas que S. M. rege? S. M. traz comsigo no estomago essa tremenda responsabilidade. Ainda algumas particulas de Cook lhe foram de certo transmitidas ao sangue, e é por isso que S. M. se lembrou de fazer um passeio á Europa. O beneficio que os seus antepassados lhe fizeram tem de o transmitir aos seus descendentes. Que homem illustre pretende S. M. devorar entre nós? Escolha! o prato está na mesa; não lhe aconselhamos o sr. Braamecamp: faria de certo com elle um tristissimo jantar, mas o sr. Sampaio deve estar, parece-nos, nas condições requeridas. Se o pedir ao rei de Portugal, S. M. de certo lh'o concede.

Mas decididamente, debaixo de todos os pontos de vista, o descendente de Nomahanna degenerou. Ouve o hymno do Gaspar, come apenas *mayonaise*, e lê por cima o inglez e o hawiano.

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

LUIZ DE MALE DEPOIS DA DERROTA DOS HABITANTES DE BRUGES.—A scena que a nossa gravura representa é um d'aquelles episodios commoventes da meia-idade, que os chronistas contemporaneos sabem pintar com tão viva poesia. O nosso Fernão Lopes conta, entre outras coisas, de um modo admiravel, a scena lugubre da morte de Maria Telles; Froissart, seu rival, conta de um modo igualmente admiravel a scena da salvação de Luiz de Male.

Luiz de Male, conde de Bruges, governava essa opulenta cidade flamenga em 1381. Os condes das cidades de Flandres pouco mais eram do que os nossos alcaides dos municipios, porque os burguezes d'essas boas cidades prezavam acima de tudo os seus fóros e as suas isenções municipaes. Entre Gand e Bruges existia comtudo uma surda e profunda rivalidade, e Luiz de Male, guerreiro energico e valente, por mais de uma vez pozera Gand a dois dedos da sua ruina, tanto que os de Gand resolveram chamar Philippe de Artevelde, filho do famoso Jacques de Artevelde, para que os commandasse, e ainda assim propozeram a Luiz de Male e aos habitantes de Bruges uma paz accetavel, que elles comtudo não quizeram, orgulhosos como estavam das suas victorias.

Os de Gand resolveram tentar a fortuna da guerra, e em numero de cinco mil marcharam contra Bruges. Ao lêr-se em Froissart a historia d'estes combates, parece que estamos lendo em Fernão Lopes a historia de Aljubarrota. Defronte de Bruges, da mesma forma que nas campinas portuguezas, os frades pregavam aos soldados animando-os e dizendo-lhes que a victoria nem sempre se pronunciava pelos que eram mais numerosos, mas sim por aquelles que tinham do seu lado a razão e a justiça. E os cinco mil gantezes, como os soldados de D. João I, prepararam-se para morrer heroicamente em defeza da sua patria e da sua liberdade.

Sairam ao seu encontro os de Bruges, numerosos mas desordenados, e seguidos por Luiz de Male com oitocentos cavalleiros. A sua derrota comtudo foi completa, refugiarão-se em desordem dentro dos muros

da sua cidade, e diz a tradição que não poderam fechar a porta porque um dos gantezes atirou a sua lança a tempo de o impedir. A legenda portugueza da tomada de Lisboa diz que Martim Moniz atirou o seu corpo para conseguir o mesmo fim.

Luiz de Male entretanto vagueava pelos campos depois da derrota dos seus, e, quando se julgou livre da perseguição dos gantezes, quiz regressar a Bruges que não suppunha em poder do inimigo. Acompanhavam-no apenas alguns servos com archotes, quando, ao chegar a pouca distancia da cidade, sentiu os clamores horrisonos do saque. Parou aterrado, mandou apagar as luzes, vestiu o fato de um dos seus servidores, e, escondendo-se com o seu sequito detraz de uma capella, esperou os acontecimentos n'uma anciedade facil de perceber.

Descobriu-o um gantez, mas mostrou-se generoso e não quiz atraçoal-o, pelo contrario conduziu-o a uma choupana onde morava uma pobre mulher, e esta promptificou-se a salvá-o. Era tempo, os gantezes batiam o campo em todas as direcções. A humilde camponeza disse ao conde que se escondesse debaixo do leito de seus filhos. Apenas elle desaparecera, bateram á porta. Eram dois ou tres gantezes que queriam revistar a casa, porque lhes parecia que tinham para alli visto entrar um homem.

—Revistem, disse-lhes ella sorrindo. Quem acabou de entrar agora fui eu, e n'esta triste e estreita choupana só cabemos eu e meus filhos.

Os pequenos dormiam em montão n'um leitinho pobrissimo. Quem havia de suspeitar que, abrigado pelas azas d'esses cherubins, debaixo d'esse leito onde chilreavam as crianças, essas aves da madrugada, mas onde gemiam tambem muitas vezes a fome e a miseria, estava o riquissimo, o poderosissimo conde de Flandres? Os gantezes ausentaram-se, e, apenas elles saíram, o conde saiu tambem, e, depois de ter recompensado generosamente a sua intrepida hospedeira, partiu para Lille.

Tal é o caso interessante, de que Froissard fez um dos episodios mais pittorescos das suas chronicas, e que Sparkes tomou para assumpto de um quadro magifico de que a nossa gravura é copia.

A VOLTA DE UM MODERNO FILHO PRODIGO.—É eternamente verdadeira a maravilhosa parabolá do filho prodigo! Um filho ingrato abandona a casa paterna, enche de desgostos o coração de seus pais, deshonorá-lhes o nome, arruina-lhes o patrimonio, e, depois de largos annos de loucura, volta pobre, faminto, extenuado, a pedir humildemente um canto da casa paterna onde o deixem morrer em paz. E assim mesmo hesita em pedil-o, tal é a consciencia que tem das suas enormes culpas, mas, apenas o entrevêem, apenas o adivinham, logo se lhe abrem de novo todas as portas e todos os corações, ninguém lhe falla no passado, ninguém o reprehende, ninguém o censura. A mãe mistura com as d'elle as suas lagrimas, chora de o ver tão miseravel, de o ver tão perdido, de o ver tão profundamente abatido e desfigurado. O pai, um pouco mais severo, mas revelando apenas essa severidade na tristeza mais profunda do olhar, aperta-o ao peito com um estremecimento intenso e cordial. E os filhos bons, que voltam da lavoura, que voltam do trabalho, encontram a meza posta com as mais finas louças, com as mais brancas toalhas, não para elles, mas para o outro, para o perverso, para o mau, para o amaldiçoado, que, apenas entrou, foi logo coberto de benções cheias de lagrimas, como de outras tantas flores cheias de orvalho.

Para o filho prodigo do Evangelho matava-se o bezerro mais gordo da arribana, para o filho prodigo

moderno, para esse lugubre devasso, que vem arruinado e perdido, bater à porta da casa paterna, vai-se buscar à adega a mais velha garrafa, e todos o festejam, e todos o acariciam, e é à sua saúde que se despejam de um trago os copos, cujo crystal se doira com as scintillações do vinho e da luz. Assim era no tempo de Jesus, e assim ha-de ser enquanto houver filhos prodigos e mãis que os estremeçam.

NA FLORESTA.— Que nos perdõe a protagonista do quadro, que não temos a honra de conhecer, mas que nos parece uma galante rapariga. Isso é *toilette* de parque e não *toilette* de floresta. Percorrem-se assim as alamedas arciadas e senhoriaes das regias quintas, mas não se vai a uma floresta, d'esse modo, sem o risco de se ficar com o fato esfarrapado. É da nossa opinião, minha senhora, o molosso que a acompanha. Vê-se que tem a consciencia de que precisa de a proteger contra os ladrões e contra as silvas; mas, querida senhora, se continua a apanhar flores sylvestres, se se mette ao arvoredado, não ha molosso que lhe salve as rendas.

Tudo se lhe perdõe enfim, minha senhora, porque a sua physionomia é extremamente graciosa, e nada tem de vulgar. É a um tempo um typo moderno, e uma creatura de Rubens. Dir-se-hia uma deusa do grande pintor que desceu da tela e que foi a toda a pressa vestir-se à modista da esquina. Meio nympha, meio *cocodette*, não admira que se aventure assim por entre as arvores em que residiu com uma *toilette* propria de um jardim cuidadosamente varrido. Pois se continúa, podemos assegurar-lhe que não tardará a achar-se de novo na sua *toilette* de nympha, que deve ser, tudo nol-o faz suppôr, ainda mais bonita do que a que está usando agora.

O NILO.— Palmeiras, as pyramides ao longe, um arabe que atravessa a cavallo as campinas, nada mais é necessario para designar o rio. É o Nilo que alli temos, e, como este relance de paizagem não basta para que vamos consagrar ao famoso rio um grande artigo, indicamol-o agora apenas, e ficar-nos-ha a descrição do magnífico alimentador do Egypto para a occasião em que outra gravura chame mais particularmente a nossa attenção para este assumpto.

AS SOLTEIRONAS

Vou, disse Tristão, levar-te a casa de duas excellentes senhoras que me hospedaram em outros tempos e que nos receberão de braços abertos.

Por mais que eu reclamasse e por mais que insistisse em favor da estalagem, onde estariam mais a vontade, Tristão foi teimando sempre.

— Verás, repetia elle, são dois corações de oiro, e que boa surpresa que lhes vamos fazer!

Encaminhámo-nos por conseguinte para uma casa baixa, situada perto do castello. Preoccupado com esta apresentação tão pouco ceremoniosa, ia ficando para traz, deixando a Tristão toda a responsabilidade do seu procedimento indiscreto. Apenas se abriu a porta, fomos recebidos por uma senhora de uns cincoenta annos, baixinha, redondinha, e de rosto côrado. Os seus olhos vivos e intelligentes, o seu nariz arrebitado, dominando dois labios grossos e cheios de bondade, os seus cabellos grisalhos levantados à chineza n'uma fronte arqueada, lembraram-me um retrato de M.^{me} de Graffigny, authora das *Cartas peruvianas*. O corredor estava escuro, e ella teve um momento de hesitação antes de reconhecer o meu amigo; de subito, batendo as palmas:

— Bondade divina! exclamou ella; o sr. Tristão! e agarrou-lhe nos braços rindo, pespegando-lhe nas faces dois sonoros beijos.

— Mamã! continuou com voz alegre, inclinando-se para uma porta aberta, ande cá, venha vêr o sr. Tristão!

Um grito respondeu ao seu, e uma velhinha octogenaria, de olhos cõr de aveia, cheios de finura e de vida, um pouquinho corcovada, mas de maneiros ainda ligeiras e amaveis, veio correndo e pondo as mãos. Novos abraços, e Tristão apresentou-me.

— Não-de acreditar, disse-lhes elle, que o meu amigo queria ir para a estalagem?

— Essa agora! tornou a mais nova, nunca lh'o perdoaria. Entrem depressa para a sala, não-de ter muita vontade de comer, e vão já almoçar.

Segui-as para a sala, onde entrou commosco um alegre raio de sol. Era um antigo aposento, servindo a um tempo de sala e de casa de jantar, mobilado com veneraveis moveis d'outr'ora, e ornado com retratos de familia pendurados das almofadas das paredes. Vasos de chrysantemas e de fuchsias lançavam a sua nota juvenil no meio d'essas velharias, sem lhes destruir a harmoniosa quietação. Apenas estavam sentados, quando recommearam as exclamações cordiaes. — E é que não está mudado, diziam a competencia uma com a outra as duas senhoras, examinando a physionomia candida e as compridas pernas de Tristão vestidas com as polainas. — Nem as senhoras tambem, posso-lh'o jurar. — Ainda gosta de nata e de ovos? perguntava a filha. — Se nós lhe fizessimos um podim! insinuava a mãe. — Não, mamã, isso levava muito tempo, e elles devem estar com fome.

— E atropellavam-se na cosinha, accendendo o lume, batendo os ovos, pondo a mesa, enquanto Tristão, enterrado na sua poltrona, com as pernas estendidas, me atirava um olhar, a um tempo commovido e triumphante, que queria dizer: — Então, enganei-te?

Oh! que bom almoço intimo, n'essa pequena meza coberta de uma toalha branca de barra vermelha, ao lado da fuchsia cujas flores pendidas acariciavam as nossas cabeças a dar-nos as boas vindas! Os ovos quentes, saborosissimos, a nata espessa e unctuosa, e o bom café aromatico, servido em chavenas de velha faiença por essas duas excellentes mulheres, que se agitaram em torno de nós com francas palavras que saiam do coração. Tristão fôra seu inquilino dois annos, e ellas agradeciam-lhe o ter consentido que o amiassem. A mãe enviuvára havia muito; a sua longa vida fôra atravessada por asperas privações corajosamente supportadas e sepultadas discretamente. Nada transparecia à superficie. A velhice com as suas camadas de neve tudo recobria e ensurdecera. A filha ficara solteira. Pobre e não podendo escolher marido que a amasse, orgulhosa e não querendo desposar o primeiro que lhe apparecesse, comprimira dentro de si todas as effervescencias da sua natureza affectuosa e expansiva, e enclausurára-se energicamente n'uma triste e silenciosa solidão. Essas solteironas, tão ridicularisadas, deviam ser admiradas de joelhos, ao pensarmos nos surdos padecimentos da sua voluntaria reclusão. Foram novas, ternas, inflammaveis como as outras, e viram as suas amigas partir successivamente pelo braço de um marido. Quando se celebrou o casamento da ultima, voltaram tristemente sósnihas da igreja para a sua casa muda, e tiveram de se resignar em plena mocidade, em plena seiva. O sangue vivo e precipitado debalde rugiu no coração: como n'um reservatorio demasiadamente cheio e murado; fizeram-n'o emmudecer. Para suspender o impeto das flores de ternura que queriam desabrochar, ti-

nham a honra, o dever, a religião; outras tantas grandes austeras enramadas de flores que queriam viçar e que não viçaram. Que dolorosa lucta intima! E, quando voltava cada primavera, que amarga zombaria, que terriveis tentações, que turbações, secretas! Assim se foram os annos accumulando sobre ellas, outono sobre outono, inverno sobre inverno, até ao dia em que vieram os cabellos brancos, trazendo consigo uma fria pacificação. Muitas d'essas Niobes da virgindade não sabem, é certo, resignar-se, e azedam na estação madura; mas as que n'essa cruel provação puderam conservar intacta a sua ternura comprimida, essas são admiraveis. Chegam à velhice como essas arvores, ricas de seiva por baixo da sua rude casca, que dão depois de largos annos os seus mais saborosos e mais perfumados fructos.

A filha da nossa hospedeira era uma d'essas arvores generosas, e hem se conhecia. A idade e a resignação piedosa tinham adoçado o que o seu temperamento tivera de nimamente aspero na verde estação. A voz era meiga no meio da sua energia, o gesto brusco e benevolo, o olhar tinha uma vivacidade sympathica que socegava e punha à vontade. Depois de almoçar-mos. — Olhe lá, disse ella a Tristão, agora tem liberdade até ao entardecer. Passeie o seu amigo pelos nossos bosques, mas não se esqueça de estar em casa às sete horas; hem sabe que é preciso não alterar os habitos da mamã. E a boa velha octogenaria protestava já exclamando. — Oh! á uma vez... mas Tristão cortou-lhe a palavra, prometendo que seria pontual, e partimos.

(Conclue no proximo numero).

O DOMINGO HISTORICO

28 d'agosto de 1481 — Morte de D. Affonso V.

O monarcha portuguez, conhecido na historia pelo nome de Affonso Africano, nasceu no paço de Cintra a 15 de janeiro de 1432 e tinha apenas seis annos de idade, quando, pela morte de seu pae, el-rei D. Duarte, subiu ao throno sob a tutela de sua mãe a rainha viuva D. Leonor.

O povo accomodou-se mal com a idéa de ser governado por uma mulher, principalmente estando vivos os tres infantes, filhos do mestre d'Aviz, D. Henrique, D. Pedro, e D. João, todos homens de elevado merecimento, e por isso as primeiras côrtes, que se reuniram depois da morte do infeliz D. Duarte, chegaram a negar que el-rei tivesse o direito de indicar no testamento quem havia de ser regente. Os procuradores do povo mostraram-se partidarios de D. Pedro, mas as discordias serenaram um pouco, ficando a regencia dividida entre a rainha e o infante, a quem se associou ainda o conde de Arrayolos, filho do conde de Barcellos, que era filho bastardo de D. João I.

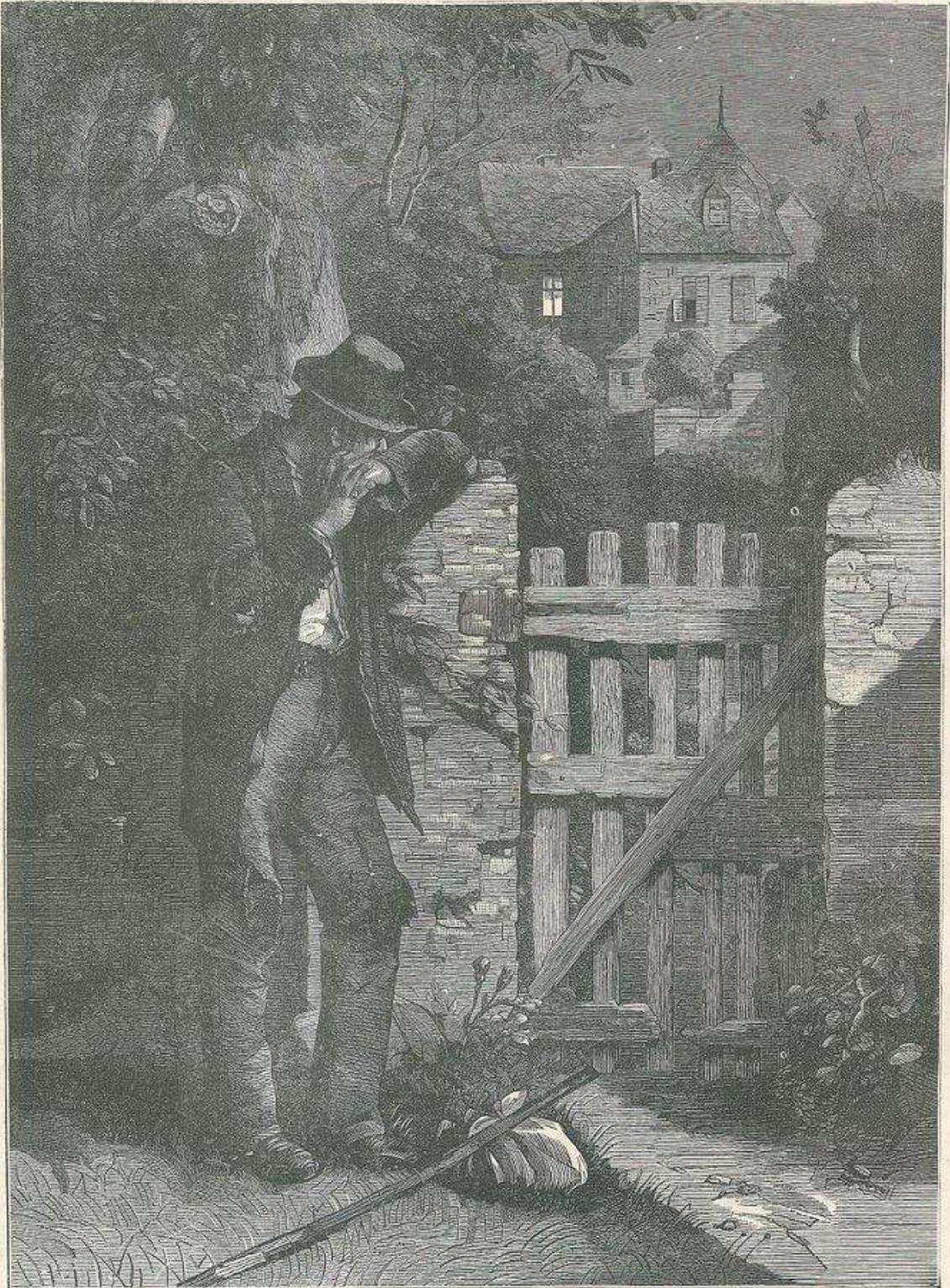
A orgulhosa rainha não perdoava a seu cunhado ter-se assenhoreado assim de uma parte do poder e favorecida por muitos dos principaes fidalgos levantou toda a qualidade de intrigas, até que as côrtes resolveram que D. Leonor entregasse de todo a regencia a D. Pedro, ficando ella só encarregada da educação do filho. Exasperada com essa decisão continuou a promover a discordia, ateou definitivamente a guerra civil e só por morte d'essa princeza acabaram estas contendas, em 1443.

No anno seguinte D. Affonso chegando á sua maioridade recebeu das mãos de seu tio o governo do reino, e nos primeiros tempos mostrou-se sinceramente reconhecido ao infante, mas em breve os inimigos de D. Pedro, aproveitando o resentimento nascido do affecto, filial, conseguiram indispor o joven sobe-

rano com o infante e leval-o a permitir que o conde de Barcellos, já então duque de Bragança, levantasse tropas para inquietar D. Pedro que vivia retirado em Coimbra de que era duque.

simplesmente creança ainda e facil em se deixar desviar por perfidos conselhos. Levado do seu genio cavalheiresco e bellicosos pensava em crusadas quando já na Europa havia passado o furor por essas lon-

narcha não se contentou com esses triumphos e levando-o a entrar nas questões de Hespanha, arrastou Portugal a uma guerra pouco feliz que se terminou pela batalha de Toro em que a victoria ficou indeci-



A VOLTA DE UM MODERNO FILHO PRODIGO

D. Pedro irritou-se, reuniu forças para se desafrontar mas o proprio rei sahiu-lhe ao encontro e venceu-o nos campos d'Alfarrobeira, a 20 de maio de 1449, ficando n'esse insignificante recontro morto o tio de D. Affonso V.

Assim começava por um crime o governo pessoal do filho de D. Duarte, embora elle não fosse mau mas

giças expedições, e não achando quem o acompanhasse n'esses seus planos arrojados, voltou as vistas para a Africa, onde praticou façanhas verdadeiramente notaveis que lhe deram o cognome de Africano. Em 1467 tomou Alcaacer-Ceguer, em 1472 Arzilla foi conquistada pelos nossos e Tanger entregou-se sem resistencia, mas a indole batalhadora do mo-

sa mas cujas consequencias foram todas contrarias ao nosso paiz.

Tão empenhado se mostrou n'essa lueta D. Affonso V que vendo o mau resultado dos seus esforços, teve a idea de ir pedir soccorro a Luiz XI de França e sem attender ás opiniões dos seus conselheiros, entregou o governo do reino a seu filho D. João e embarcou

em Lisboa no mez d'agosto de 1476. O astuto soberano francez fartou-se de dizer boas palavras ao nosso rei e de fazer a este maravilhosas promessas, mas não cumpriu uma só, e D. Affonso, quando reconhe-

vez de partir para a Palestina partiu para Portugal.

O principe D. João, que em vista da abdicção de seu pae se fizera acclamar rei, restituiu immediatamente a corôa a D. Affonso, que pouco tempo a

os sabios, colleccionando livros e favorecendo de todos os modos a cultura intellectual; mas no meio d'essas qualidades brilhantes o filho e successor de D. Duarte não teve nenhuma solida, e a frivolidade



NA FLORESTA

ceu que fôra burlado, decidiu abdicar a corôa em seu filho e ir acabar a vida na Palestina; mandou para Portugal a abdicção e dirigiu-se á Normandia para ahí embarcar para a Terra Santa.

Os fidalgos que o acompanhavam, logo que lhe descobriram o intento, trataram de dissuadir; e o rei cedendo por fim ás rasões que lhe apresentaram, em

conservou, porque, como dissemos, falleceu a 28 de agosto de 1481.

Durante o reinado d'este monarcha proseguiram nos descobrimentos os portuguezes, promulgaram-se entre nós as primeiras ordenações chamadas Affonsinas e D. Affonso V, que era um homem instruido deu um verdadeiro impulso á civilisação, honrando

das suas preocupações, a leviandade dos seus projectos, e a influencia que no seu animo exerceu a nobresa, collocaram o paiz em difficuldades, que podiam ser fataes, se Portugal não estivesse n'um periodo d'existencia em que tudo lhe sorria.

HORAS DE OCIO

Palavras quadradas

	U		O
U		A	
	A		A
O		A	

Completar com as consoantes

Os PIERROTS. (Lisboa).

Pergunta indiscreta

Qual é a rua de que os carvoeiros mais precisam?

Os PIERROTS. (Lisboa).

Phantasia poetico-aritmetica

João, Paulo e Luiz foram um dia jogar o voltarete por dinheiro, não entraram porca com igual quantia o primeiro o segundo e o terceiro.

Jogadas dez partidas tem João a vencer de Luiz cinco mil réis, e de a Paulo pagar seis mil e seis, ficando tudo com igual quinhão.

Jogadas outras dez, Luiz divide seis mil réis por ambos os parceiros, ficando com um quarto do segundo, e c'o um oitavo só dos dois primeiros.

Pretendo pois saber qual foi a entrada primitiva de cada jogador, notando que a de Paulo foi a minima, e a de Luiz ás duas superior.

EUCLER.

Soluções dos problemas do n.º 26

Fantasia algebrico-historica.—Fernão de Magalhães que fez em 1519 a sua celebre navegão.

Palavras syllabico quadradas.—Avaro
Valida
Rodapé

Pergunta indiscreta.—O Vouga porque se chamava Vacca no tempo dos Romanos.

Embrulhada cryptographica.—Tal pai, tal filho.

6.º Problema.—Soares de Passos.

7.º Problema.—Sinfães
Ourique
Armanar
Rosalia
Eugenio
Sanchez

8.º Problema.—Torres Vedras.

Soluções certas

Fantasia algebrico-historica.—A. Portucalensis, Manoel Antonio Coelho Zilhão, C. F. B. (Lisboa). Edipo (Lisboa), Vasco (Coimbra). Um official inferior de caçadores 4, J. Fernandes de Freitas. Os pierrots.

Palavras quadradas.—Edipo (Lisboa), J. Fernandes de Freitas.

Pergunta indiscreta.—A. Portucalensis, Edipo (Lisboa), M. G. (Aveiro), J. Fernandes de Freitas, Os dois amigos (Elvas).

Embrulhada cryptographica.—M. P. O. (Porto), João dos Santos da Silva (Lisboa), M. J. Teixeira, A. Portucalensis, Grichard, Um aldeão, Caporal, Edipo (Lisboa), Vasco (Coimbra), Benedita Barros (Setúbal), A. Z. (Lisboa), Francisco Augusto Nunes Ponsão (Odemira), Um official inferior de caçadores 4, J. Fernandes de Freitas, Augusto G. de Oliveira Santos, D. Nico-medes, Os pierrots, A. M. Guedes (Vizeu).

6.º Problema.—Manoel Antonio Coelho Zilhão, João dos Santos da Silva, A. Portucalensis, M. P. O. (Porto), Grichard, Os pierrots.

7.º Problema.—A. Portucalensis, Grichard, Um aldeão (S. João do Campo), Um official inferior de caçadores 4 Francisco Augusto Nunes Ponsão (Odemira), J. Fernandes de Freitas, Antonio G. de Oliveira Santos, Julião Duarte Martins, A. M. Guedes (Vizeu), Sebastião Correia dos Santos (Alemquer), Os pierrots, Os dois amigos (Elvas).

8.º Problema.—A. Portucalensis, Grichard, Manoel Antonio Coelho Zilhão, João dos Santos da Silva, Francisco Augusto Nunes Ponsão (Odemira), J. Fernandes de Freitas, Antonio G. de Oliveira Santos, A. M. Guedes (Vizeu), Sebastião Correia dos Santos (Alemquer), Os pierrots, Os dois amigos (Elvas).

Nota.—Dos Pierrots recebemos já tarde as soluções da fantasia aritmetica, do enigma anagrammatico e do problema geometrico. Explicamos na Correspondencia como foi que só tarde tivemos conhecimento d'essas soluções.

Eucler tambem nos enviou já tarde a explicação da fantasia aritmetica.

O 5.º problema saiu errado, como dizemos no numero anterior. Tambem t'een saído sem titulo alguns dos problemas pelo mesmo motivo que já allegámos para desculpar um certo numero de faltas que tem havido.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRÊS FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 216)

Yermac sorria; não tirava os olhos do esaul e divertia-se com o embaraço cruel de Yegor, — a quem elle incomodava muito com a sua presença.

— O passaporte está em regra, disse finalmente o official, mas serve apenas para si e para os dois filhos do meu collega... Esses dois homens tambem trazem passaporte?

— Aqui está um d'elles, exclamou Yegor, que dava tratos incriveis á imaginação; é o sr. Laffeur; — apresentou ao esaul o antigo herborista — é parisiense, e um naturalista muito distincto... auctor da *Flora Altaica*...

— Tudo isso não constitue um passaporte, observou o velho official russo.

— O sr. Laffeur tem um bilhete de circulação para Aldanska, onde o encontrei, e atreveu-se a acompanhar-me, só por amor da sciencia.

— Hum! resmungou o esaul pouco convencido.

— Nunca me pediram passaporte! nunca! disse o sr. Laffeur. E todos os annos percorro a Siberia des-

de o Ural ao Kamtchatka, e desde o Altai até ao Oceano Polar. O tempo que me resta, passo-o em agradável intimidade com o governador de Yakutsk e sua encantadora familia. Gozo da consideração do governador, da estima da generala e da amizade de suas filhas, as angelicas meninas, que tem por nome Agra-fena e Helena. Está satisfeito, senhor esaul? Parece-me que é exigente de mais para commandante de dez homens! Olhe bem para mim! Eu sou francez, nascido em Paris, na praça da Bastillia. Tenho a espinha muito direita, o que bem prova que não estou habituado ao knut, veja bem, — é viva a liberdade! Respeite em mim um amigo do seu superior e... não me masse mais com as suas formalidades ridiculas.

— Enquanto fallava, o sr. Laffeur deu ao official o seu passe.

— Peço perdão, senhor, disse este, recebendo o papel com o maior respeito; mas o chefe de policia de Yakutsk — os fugitivos não poderam reprimir um movimento de viva surpresa — avisou-me pelos meus cossacos da evasão de varios deportados, mandando-me indicações, que se pôdem applicar perfeitamente á pessoa, com quem estou fallando, a esta senhora, ao irmão e ao sujeito que os acompanha.

Yermac perfilava-se todo, glorioso por ter triumphado. Yegor suppóz que elle ia fallar, denunciando-os.

— Não me pergunta, disse elle ao esaul, quem é este outro companheiro de viagem? Tenho a honra de apresentar-lh'o... é um dos quatro ou cinco sacerdotes polacos...

À medida que Yegor fallava crescia o espanto de Yermac a olhos vistos.

— ... Um dos sacerdotes polacos a quem o governo russo permite percorrer a Siberia, para visitarem uma vez cada anno os estabelecimentos em que se acham os condemnados politicos do seu paiz e do seu culto. Dirigo-se, como um heroe, afrontando o frio siberiano, de Tobolsk ás colonias do Amor, e das minas de Nertchinsk aos estaleiros de Okhotsk.

— Esse deve ter um passaporte regular! murmurou o esaul.

O chefe de policia trazia apenas papeis, que justificavam a sua identidade. Exhibil-os era denunciar os fugitivos.

— Dê-me licença de concluir, replicou Yegor, a quem o perigo dava uma extraordinaria presença de espirito. A dedicação do nosso novo amigo nem sempre recebe a devida recompensa; nos montes verhoynianios salvámo-lo, pode dizer-se, da guela de um urso...

— Que já lhe tinha retalhado o braço, acendeu o sr. Laffeur.

— Mas o passaporte?

— Foi comido pelo urso, tentou dizer o sr. Laffeur.

— Perdeu-se... com uma carteira preciosissima durante a horrorosa lucta, disse Yegor cobrindo com a sua voz do «naturalista distincto».

O esaul, admirado do silencio do supposto sacerdote polaco, encarava-o como para lhe arrancar uma palavra, que estivesse de accórdo com as declarações dos companheiros.

O chefe de policia, realmente interrogado por aquelles olhares, respondeu balbuciando.

— Nada tenho a acrescentar ao que referiram estes senhores; os montes Verkhs-Yansk, o urso, a ferida, tudo é verdade.

Foi uma grande consolação para Yegor e Nadege; mas consolação, que não devia durar muito.

— Tudo isto, replicou o esaul coçando a nuca, está bem longe de ser regular.

— Que hei de eu fazer? disse Yegor.

— Nada. Mas eu hei de fazer o que me ordena a

minha situação em idénticas circumstancias. Prendo-os, e vou pedir instrucções ao governador de Yakutsk e ao seu chefe de policia, e ao mesmo tempo vou mandar um cossaco a Nijni-Kolimsk para anunciar ao esaule meu collega a proxima chegada de seus filhos—dado o caso de ser exacto o que tenho ouvido.

XV

Yegor estava como fulminado. Percebeu que Nadege estava muito pallida, quasi a desfallecer.

— Como quizer! disse elle ao esaule, posto que se me affigura odioso deter estas pobres creanças, que vão correndo abraçar o pae no seu leito da morte. O sr. esaule, accrescentou cheio de firmeza, tendo diante de si viajantes, obrigados a desviarem-se do seu caminho, cançados pelo trajecto longo percorrido em pessimas circumstancias para ganhar tempo, devia começar por dispensar-lhes aquella hospitalidade siberiana, que tanto se gaba. . . de longe, — principalmente havendo entre esses viajantes pessoas franzi- nas, delicadas, como esta menina, e este rapazito. . .

O esaule, confundido, offerceu uma cadeira a Nadege, e dirigio a Ladislau algumas palavras amaveis.

— Senhor, disse depois a Yegor, a minha casa é sua, e o que existe n'ella é igualmente seu. Disponha de tudo, como lhe aprovar, até que voltem os meus correios da sede do governo e de Nijni-Kolimsk. Entretanto, creia que empregarei todos os esforços para tornar-lhe menos sensível e aos seus companheiros o desgosto de uma prisão forçada. . .

— Mas o tempo perdido! exclamou Nadege.

— Minha senhora, eu farei com que o recupere dando-lhe excellentes cães para puxarem os trens.

— Eu, por mim, disse Yermac, só tenho que felicitá-lo, sr. Lavrenti Kantcer, pela maneira digna e honrosa, com que se desempenha dos seus deveres de funcionario do imperio.

— D'onde me conhece? perguntou o esaule admirado de ouvir o seu nome pronunciado pelo supposto sacerdote polaco.

— Isso pouco importa! replicou Yermac. Basta que sejam sinceros os meus cumprimentos.

O esaule, vendo que estas palavras eram proferidas com seriedade, tomou-as em bom sentido.

— Faça quanto posso para cumprir as minhas obrigações. . . que muitas vezes são por extremo desagradaveis.

Yermac estava radiante.

Sem ter necessidade de pagar com ingratidão os serviços prestados pelos companheiros, sem faltar a um compromisso tacitamente contrahido com elles, chegava ao termo dos seus desejos, graças ao cuidado, que tivera, de mandar pela patrulha de cossacos instrucções aos quatro postos mais importantes, formando um vasto quadrilatero nas solidões dos paizes do Indiguirka e do Kalima. Recuperava a sua liberdade de acção, sem ter quebrado, nem ter faltado ao que a si proprio deve um chefe de policia. . .

— Sentem-se, meus senhores, e contem-me alguma cousa do incendio da floresta de Ostrovoye, disse o esaule. Deviam ter visto ou ouvido como aquillo foi.

— Pois não! pois não! acudiu Lafleur, que nunca perdéra a presença de espirito.

E em linguagem empolada fez a descripção do sinistro, recheada de numerosas citações latinas, tiradas ao acaso das suas lembranças do collegio, por um pro'esso analogo ao do *Medico á força*: era-lhe necessario sustentar diante do ignorante official os furos de sabio, que lhe conferira Yegor. Cada palavra do mestre de dança, pronunciada com serenidade e

sangue frio, parecia comunicar aos fugitivos a tranquillidade e arrogancia, que elle aparentava.

Durante a narração, um cossaco, que servia o esaule, veio, por ordem de seu amo, collocar sobre a mesa rustica, feita a machado, o que havia de melhor em casa. O prudente esaule, preparado para tudo, queria que os seus hospedes forçados não tivessem motivo para accusal-o de faltar ás conveniencias da sua posição. Elle possuia já a estimação do supposto sacerdote polaco; queria grangear agora a do amigo do governador, do auctor da *Flora Altaica*.

O calor da casa reanimava os viajantes, que tiravam os seus vestuarios mais quentes. Yegor insistio com a noiva para que fizesse honra ás iguarias servidas á mesa do esaule. A tristeza da rapariga podia ser attribuida ao motivo triste e imperioso, que a fizera emprender aquella viagem durante o inverno.

Yermac comeu com um appetite, que não tinha, havia muito tempo.

Serviu-se um «tchi» de carne, acompanhado de pão de centeio saído do forno, e geleia de uma especie de groselhas pequenas, que por excepção tinham amadurecido no verão anterior.

— Vou sem perda de tempo, disse o commandante do ostrog, redigir os meus despachos e expedir os correios antes de uma hora.

— Faz-me um favor? disse Yermac no auge do atrevimento e da audacia, os seus correios podem levar uma carta minha ao pae d'estes meninos. . . o seu collega de Nijni-Kolimsk.

— E outra minha, accrescentou o parisiense, para a generala, quêixando-me do seu excessivo rigor, sr. esaule, e fazendo-lhe uma descripção. . . da sua excellente geleia.

O esaule pareceu um pouco perturbado. Decididamente tinha medo de malquistar-se com tantas pessoas importantes.

Yermac, percebendo-lhe a hesitação, deixou immediatamente de manobrar com o garfo, e franziu a sobranceira.

— E enquanto não voltam os seus correios, disse o deportado, aconselho-o a que se ocupe dos preparativos da nossa viagem. Espero recompensal-o largamente. . .

O esaule deu mostras de tomar logo uma deliberação. Á palavra recompensa, abriu-se-lhe a physionomia. Promettia a si mesmo tirar proveito d'aquelle acontecimento, sem contudo esquecer nenhuma precaução, que o pozesse ao abrigo de qualquer responsabilidade.

— Observemos, dizia consigo o antigo juiz do tribunal de Moscow, observemos até onde chega a honestidade d'este funcionario russo. . .

O esaule quiz atihar uma candeia, e apagou-a.

— Uma visita inesperada! exclamou o sr. Lafleur, que conhecia os proverbios russos.

Mal pensava elle que dizia a verdade.

N'esse momento á porta meio-aberta da especie de quarto, em que estavam todos, appareceram successivamente um grande nariz, uma cabeça d'ossos, uma cara emaciada. O proprietario d'estes antipathicos signaes tinha um barrete sujissimo, feito de pelle. O cafetan não estava em melhor estado. Yegor addivinhou logo um bufarinheiro judeu.

O intruso, vendo tanta gente, metten para dentro o peito, a cabeça e o nariz—sem duvida com receio de ser indiscreto.

Yegor imaginou logo que, se de facto fosse um negociante judeu, algumas pequenas compras feitas de proposito para agradecer ao velho official a hospitalidade, que lhe concedia e aos companheiros, poderiam sortir o melhor effeito.

O judeu — porque era um judeu ás directas — estava na ante-camara — logar escuro e fétido, em que penetrava a luz por uma janella estreitissima e enfiada. Percebeu que Yegor dirigia-se para elle, e pegando-lhe n'uma capa de pelle, que trazia, disse-lhe em voz baixa:

— Esaule, ainda tenho do mais puro, e em grande quantidade!

— Eu não sou o esaule, respondeu Yegor; mas o que vendes tu?

— Não é o esaule? tornou o outro assustado, e receioso de ter fallado de mais.

— Desejo comprar alguma cousa, que se possa offerrecer ao excellentes esaule, a quem sou obrigado, replicou Yegor. Que tens tu para vender?

O judeu coçava a testa com os seus longos dedos descarnados.

— Respondes, ou não?

— Aqui está; o que eu vendo não se pode offerrecer a toda a gente. Qual é a sua terra?

— Barnaul.

— E para onde vae?

Yegor principiou a achar o homem excessivamente curioso.

(Continua).

CORRESPONDENCIA

Empesa.— Ninguém o obrigou a sujeitar-se á nossa critica. Ninguém lhe foi pedir os versos a casa. Veio bater-nos á porta com duas bonitas quadras. Não só lh'as aceitámos, mas inserimos-lh'as no *Rosicler*, ao lado de trechos escolhidos dos primeiros poetas portuguezes. Soube-lhe bem, e achou n'essa occasião que eramos a gente mais esclarecida do jornalismo portuguez. Voltou com uma poesia perfeitamente boa de ideas, mas sonora, abundante em palavras brilhantes, empregadas um pouco ao acaso. Não quizemos, e pedimos coisa melhor, explicando alegremente a nossa recusa, e apontando-lhe os disparates da poesia. A sua vaidade ferio-se, e levou-o a escrever-nos uma carta azeda, em que essa mesma vaidade se manifesta de um modo assombroso. Pois é pena, porque nos parece que tem talento; mas uma vaidade como a sua, é para os talentos, ainda os mais robustos, o que o phylloxera é para as vinhas ainda as mais promettedoras.

Sustenta o seu verso:

C'o o aroma febril da luz crepuscular

e sustenta-o, citando varios trechos de Guerra Junqueiro. Não reflecte porém que *aliquando bonus dormitat Homerus*, mas que é necessario ser-se Homero para se lhe desculparem essas sonmeças. Escreveu as obras primas com que Guerra Junqueiro tem enriquecido a nossa litteratura, e terá direito de exigir que se lhe não discuta uma imagem falsa, ou um lapso qualquer. Se a poesia que nos mandou tivesse valor real, esteja certo que lhe não discutiríamos o *aroma febril*, como lhe não discutimos nas quadras que publicámos no *Rosicler* umas imperfeições secundarias.

Dos exemplos que cita de Guerra Junqueiro só dois são applicaveis ao seu caso:

E a chorar e a tremer diziam-lhes as filhas,
o aroma do luar e a voz do rouxinol

Como um silencio azul atravessado
Pelos aromas quentes do luar

O grande talento de Guerra Junqueiro não impede que estes versos sejam absurdos, como este tambem.

As ondas quentes do luar sombrio

Já zombámos d'este ultimo, como zombámos do *aroma febril da luz crepuscular*; mas Guerra Junqueiro nem por isso nos escreveu cartas azedas, nem se revoltou contra a critica.

Admittimos a imagem ainda a mais arrojada, com tanto que satisfaça ao fim a que deve tender: o de representar ao nosso espirito de um modo impressionador, por uma comparação inesperada, por uma aproximação original, a idéa que se nos pretende incutir. Um trecho que cita de Guerra Junqueiro é excelente.

Ungi-me
Com suavissimos balsamos de luz

Bem sabemos que a luz não pode unir, e que a luz não tem balsamos, mas, da mesma forma que o athleta, antes de entrar na arena, se ungia com essencias que o robusteciam, assim o poeta, para entrar nas luctas sociais, se retempera na forte comprehensão do bem, cuja symbolisação suprema é a luz. Por uma aproximação arrojada e brilhante, Guerra Junqueiro despertou no nosso espirito todas essas idéas associadas, a da

Declara que a «luz do rouxinol» e o «inerte a meditar» foram dois disparates que lhe escaparam ao correr da penna. Não temos obrigação de o adivinhar. Percebemos os erros de imprensa como os que vieram ainda no numero 26 do *Jornal do Domingo* em artigo, cujas provas não foram revistas pelo auctor, não percebemos porem que n'um manuscrito, que se relê antes de se mandar, escapem *gralhas* tão singulares. Ora demais a mais o resto da poesia authorisava-nos a supôr que Empusa queria collocar o coração á direita, como o Sganarello de Molière, e que elle tambem *avait changé tout cela*. Se a luz tinha aromas, podia o rouxinol ter luz.

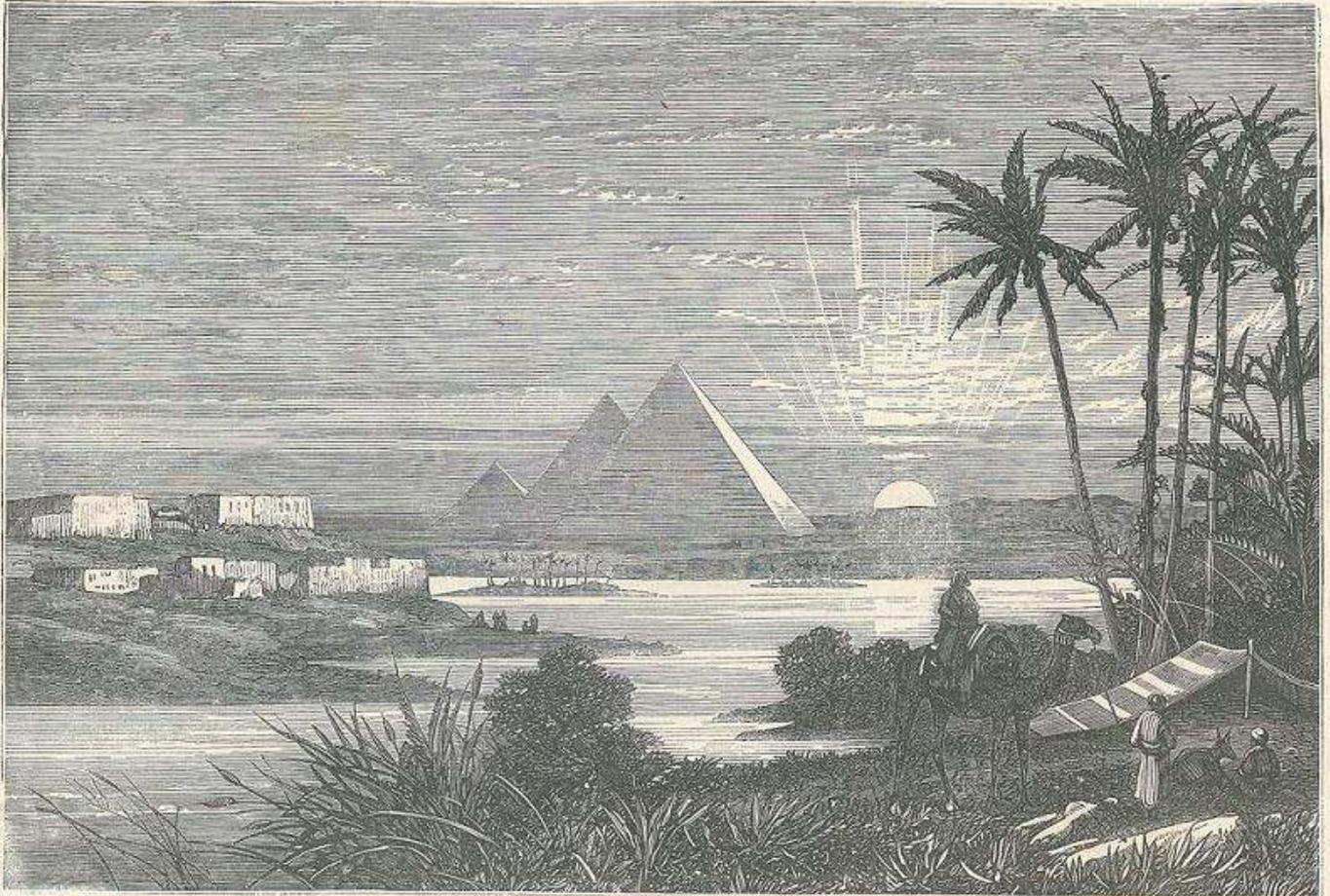
Acha tambem tola a nossa critica a respeito dos *effluvis matinaes* dos beijos da madrupada. Queria que os tivessem, pergunta Empusa, os beijos da noite? Ah! não de certo. D'esta vez Empusa cortou pelo seguro. Encostou-se a mr. de Palisse que é sempre guia infallivel. Quem escrever «recou para traze», pode tam-

assim, mas apresentáveis, publicamos. E olhe lá, não diga a ninguém quem lhe servio de empenho.

Rugeta Jircunço. — Caro amigo, olha que não podes com o peso do anagramma.

Um aldeão. — Repare que, quando se dão umas palavras para se formar um nome tirando uma letra a cada uma d'ellas, não pode quem procura adivinhar alterar arbitrariamente a ordem das palavras.

Os Pierrots. — Mais algumas pessoas nos fizeram a mesma observação. Voar não é correr. Desculpem-nos. Parece-nos isso uma subtileza inadmissivel. Pois não é uma imagem frequentemente empregada a seguinte: Voavamos por alli fóra? Quer dizer corriamos com tal velocidade que se dizia que voavamos. Ora os rios correm, mas um rio que tem nome de Ave, tem obrigação de correr com tal velocidade que pareça que vóa. Assim o entenderam um grande numero de assignantes



O NILO

lucta, a do antigo athleta, a do bem supremo, e a impressão que de tudo isso resulta é forte e vivaz.

Muitos censurarão o *silencio azul* de outro trecho; nós applaudimos. É por assim dizer uma contração de idéas que dá maior vigor á phrase. O silencio não tem cor, mas essas duas palavras trazem-nos logo á idéa a serenidade luminosa do um céu limpo e azul nas noites suavissimas de estio. Mas que idéa quer o sr. Empusa que desperte no nosso espirito «o aroma febril da luz crepuscular»? Dissemos-lhe e repetimos-lhe que ainda tolerariamos um pouco «o aroma do crepusculo», tomando «crepusculo» na significação complexa não só da luz, mas de todas as circumstancias da hora final do dia, o adjectivo *febril* é porem inadmissivel. O crepusculo é uma hora de pacificação, e de serenidade, não é de agitação nem de febre. «*Febril* está no mesmo caso do adjectivo *quente*, diz Empusa. Não está tal. Empusa não se barbeia com água febril, nem costuma comer pão febril com manteiga. O calor da febre é um calor especial, e a palavra «febril» não pode applicar-se em todos os casos em que se applica a palavra «quente».

bem perguntar aos censores: queria que dissesse que recou para diante?

Se nos quizer mandar mais versos, agradecemos. Havemos de lh'os publicar, se nos agradarem. Se nos não agradarem, não os publicaremos. E isto não querêr dizer que sejam maus, querêr dizer que em nossa casa governamos nós. Tambem não teremos duvida em dar-lhe as razões da rejeição, na *Correspondencia*, ou particularmente se tivermos a sua *adresse*. Em troca, Empusa poderá usar á sua vontade dos privilegios do anonymo. Se o atacarem, defende-se; faz muito bem; mas se a defeza for aggressiva, tem replica certa, pode contar com isso. Agora a poesia, que nos reenvia, apesar de concertada com as emendas, não a publicamos. Requeira em termos.

Raul. — Sabe o que lhe dizemos? Estes que nos mandou são muito melhores que os outros. Veja como são as coisas! Mandou-nos uma sensaboria e depois zangou-se com a nossa critica, e, como desde Juvenal para cá, a indignação sempre tem feito versos e versos bons, estes saíram-lhe com *verre*. Se arranjar outros

nossos, que nos dêram a resposta que se lhes pedia. Publicamos as suas palavras quadradas, tornando-as um pouquinho mais difíceis.

E agora uma explicação. Olhem que só agora recebemos a sua carta, apesar de ser datada de 10. De quem foi a culpa não sabemos, mas o facto é esse. Por isso nem respondemos a tempo, nem inserimos a sua *mascara nas soluções certas*, apesar de terem direito de figurar largamente n'essa secção. Desculpem.

Z.—A resposta anterior. Olhe que era consigo uma resposta dada no numero 26, e que veio, por erro da imprensa, com a designação de 7. Acrescentamos agora tambem que n'esse numero pedimos desculpa das irregularidades que se deram no expediente das *Horas de Ocio* por ter saído de Lisboa o director litterario, e ser necessario mandar-lhe a correspondencia e esperar os artigos, tendo o jornal comtudo de sair em prazo fatal. D'ahi resultaram complicações, extravios e faltas.